

DO SODOMITA AO HOMOAFETIVO: ESTEREÓTIPOS GAYS NA LITERATURA

FROM SODOMITE TO HOMOAFECTIVE: STEREOTYPES GAYS IN THE LITERATURE

Rubenil da Silva Oliveira¹

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões²

RESUMO: O presente artigo pretendeu apontar os estereótipos e mitos usados para identificar os gays na literatura homoafetiva. A pesquisa foi de base bibliográfica, a partir da leitura de obras literárias brasileiras, produzidas do século XVII à atualidade e, em seus gêneros diversos e analisadas à luz do suporte teórico contido em Mott sobre as identidades gays, Figari, a vida gay no Rio de Janeiro e Trevisan, história e estereótipos dos gays no Brasil. Portanto, os estereótipos constituem-se como signos ideológicos e, nessa condição, carregam o tom jocoso que contribui para a simplificação e caricatura das identidades homoafetivas no tempo.

Palavras-chave: Homoafetividades; Estereotípias; Preconceito; Literatura.

ABSTRACT: This article aims to reflect about the stereotypes and myths used to identify gays in homoaffective literature. The research was based on literature, from the reading of literary works in their various genres (lyrical, dramatic and narrative), which had as their point of convergence the homoaffective theme and the comparison with the theoretical support in Mott about gay identities, Figari, life gay in Rio de Janeiro and Trevisan, history and stereotypes of gays in Brazil . With that, it was understood that the stereotypes constituted as ideological signs and, in this condition, carry the jocular tone that contributes to the simplification and caricature of homoaffective identities.

Keywords: Homoaffective; Stereotypes; Prejudice; Literature.

1 Doutorando em Letras – Estudos Linguísticos e Estudos Literários (UFPA); Bolsista Fapespa; E-mail: <rubenoliveira50@hotmail.com>

2 Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986); Professora da Universidade Federal do Pará, coordenadora do Programa de Estudos Geo-BioCulturais da Amazônia - Campus Flutuante, da Universidade Federal do Pará. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras. Membro do GT da ANPOLL Literatura Oral. E-mail: <galvao@ufpa.br>



Introdução

A construção da identidade humana é alicerçada nos costumes sociais e modificada por critérios subjetivos e temporais, fato que reforça a existência de fissuras na formação da identidade dos sujeitos sociais, uma vez que esta toma por fundamento um padrão cultural. Neste sentido, estereótipo consiste no conjunto de crenças de cunho reducionista acerca de um grupo social, povo, cultura ou comportamento com o qual o grupo criador não concorda ou partilha das mesmas experiências. Assim, os estereótipos servem de rótulos que enquadram as pessoas em “gavetas” e as uniformizam diante da pluralidade de vivências que marcam o contexto social, é estereótipo, quando se atribui à mulher o papel de submissa ao homem, de que todo gay precisa ser afeminado.

Por sua vez, percebe-se que os estereótipos de gênero também marcam a cena cultural e agem na reprodução dos comportamentos e discursos apresentados por este ou aquele gênero, por exemplo, “meninos jogam futebol” e “meninas brincam de boneca” e o desvio a esse padrão é tido como anormal. Seguindo essa ótica, evidencia-se que os estereótipos carregam o tom jocoso comum às sátiras, pois estão associados a mitos, no caso da homoafetividade, citam-se: o querer ser homem (lésbicas) e o querer ser mulher (bichas) ou ainda de que todo gay é pedófilo e portador do vírus da AIDS.

O presente artigo teve por objetivo geral apontar os estereótipos os usados para identificar os gays na literatura e em textos teóricos. O recorte metodológico seguiu uma pesquisa de cunho bibliográfico em textos literários de temática homoafetiva e em textos teóricos sobre o mesmo tema, seguindo o percurso da literatura no Brasil e sua relação com a história, uma vez que se considera o conceito de literatura como uma *mimesis* do real. Para isso, o artigo fora dividido em três partes – a introdução, a qual esclarece a categoria fundante – estereótipo, e a organização da pesquisa; na segunda parte aborda o entendimento do conceito de estereótipo e os mitos que o circundam, inclusive recorre-se a elucidação de vocábulos usados para chamar os homoafetivos na história social. Por último, apresenta-se uma breve conclusão desse estudo.



Por uma identidade: estereótipos dos gays na história

As construções identitárias dos sujeitos na produção literária gay passaram a ser foco de interesse de pesquisadores das ciências humanas e da literatura, sobretudo, após as lutas libertárias dos anos 1960 e dos estudos de gênero dos anos 1990. Desse modo, afirma-se que há uma identidade homoafetiva, uma identidade de gênero, na qual se identifica o masculino e o feminino, não existindo, portanto, um terceiro gênero – o gênero gay (GROSSI, 2008). No caso, a ideia de que os homoafetivos formariam um terceiro gênero encontra reminiscências no paradigma da Psicologia que classificava esse grupo social como portadores da inversão, por o indivíduo desejar manter relações afetivas e sexuais com parceiros do mesmo gênero.

Deste modo, a noção de identidade para a comunidade homoafetiva está implicada na presença de estereótipos amalgamados por correntes ideológicas e difundidos como verdade absoluta. Neste caso, os estereótipos podem ser entendidos como produto da crença de um grupo, alicerçado em impressões baseadas em expectativas, geralmente, falsas, que é capaz de reduzir, simplificar e distorcer a realidade de uma pessoa ou grupo. No caso, a ideia de estereótipo enquanto elemento identificador contraria a noção de identidade proposta por Hall (2014), porque estereótipos são modelos sólidos, duráveis e fixos, todavia, a identidade é uma estrutura movente, não rígida, modelada conforme os costumes sociais.

Para tratar da identidade homoafetiva, Fry e MacRae (1983) elaboraram argumentos científicos com o objetivo de indagar a abrupta dissociação entre os gêneros quanto aos seus comportamentos e assim problematizar a moralidade imposta ao sexo e às relações de poder dela advinda. Os autores também provocaram uma discussão acerca dos papéis sexuais e da produção histórica e social das relações de gênero, afirmando que tais dados não pertencem a uma natureza biológica universalizante. Por isso, ressalta-se que a crença na afirmação de que as identidades homoafetivas são também construções culturais e sociais, inclusive sendo sagrada em algumas culturas como na indiana e abominada em outras, como na cultura cristã ocidental.

Para isso, eles apresentam o exemplo da tribo dos índios *Guaiaqui* do Paraguai, na qual observam a divisão social do trabalho entre os gêneros,



apontando que “entre os *guaiaqui*, os papéis de homem e mulher eram radicalmente separados e as pessoas que, por uma razão ou outra, não podiam ou não queriam se conformar com os atributos sociais e sexuais associados ao seu sexo biológico, tinham a opção de assumir os atributos do sexo oposto” (FRY; MACRAE, 1983, p.24). Dito isto, verifica-se que não há entre os *guaiaqui* a taxonomia dos comportamentos quanto à orientação sexual que possa determinar a pessoa como sujeito homoafetivo, assim o indivíduo do gênero masculino poderá manter relações sexuais tanto com mulheres quanto com homens. No caso da relação sexual mantida com homens aquele que é o masculino/ativo³ na relação permanece com a identidade masculina, mas caso seja o feminino/passivo é identificado como “*homem-mulher*”, “*berdache*” ou na língua indígena “*kyrypy-meno*” (FRY; MACRAE, 1983).

No tocante ao desempenho dos papéis de masculino e feminino, no Brasil, vê-se que os estranhamentos, geralmente, se davam em relação àquele que exercia o papel sexual de passivo, pois o outro, o que “come” não perdia a identidade masculina (FRY; MACRAE, 1983). Essa regulação da binariedade de papéis sexuais nas relações homoafetivas é superada quando apresentada a teoria *queer*⁴ como “uma nova política de gênero” pela filósofa Judith Butler (MISKOLCI, 2012). A identidade *queer* pode ser vista no romance **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho quando as personagens não se deixam rotular por uma identidade fixa e, com isso recusam a binariedade dos gêneros e/ou as identidades ativo/passivo. Assim, as proposições do *queer* dialogam com o pensamento de Hall (2014) e Bauman (2005) quando a identidade passa a ser defendida como moveidça, não fixa e mais que não se apega a uma estrutura definida,

3 A superioridade social do “ativo” sobre o “passivo” é nitidamente expressa nas palavras de gíria que usamos para, falar das relações sexuais como “comer” e “dar”, “ficar por cima” e “abrir as pernas”. Quem “come”, vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro, “comendo-as”. Quem “come” está “por cima” e quem está por cima é quem controla. Quem “dá” ou quem “abre as pernas” é quem se rende totalmente (FRY; MACRAE, 1983, p. 30).

4 Pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais... Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2013, p. 39).



se liquidifica, é capaz de se construir e desconstruir como marcas do indivíduo que vive na pós-modernidade.

A preocupação da sociedade, geralmente, se deu quanto à definição estereotipada dos papéis sexuais, o que levou à ideia de que o homem somente pode relacionar-se com a mulher, isso nas relações heteronormativas. No que se referia às relações homoafetivas, as bichas⁵ deveriam relacionar-se com homens e lésbicas, com mulheres, essa ideia é simplificada e reducionista dos papéis sexuais humanos, além de não abranger a realidade dessas relações. Nessa perspectiva, vê-se que há uma reação a esse imaginário da bicha como representação do feminino, por exemplo, Madame Satã⁶, que se envolve em diversos conflitos por reagir aos enquadramentos sociais que a tipificavam, sobretudo, os dados pela polícia.

Decerto, essa fronteira de gênero que demarca um entre-lugar contribui para o estranhamento da sociedade acerca da natureza dessa relação, o que é aceito pela teoria *queer* que as estruturas formadoras da identidade homoafetiva movem-se conforme as relações. Desse modo, entende-se que a identidade homoafetiva foi marcada na história social por atravessamentos míticos oriundos do senso comum: “1. Todo gay tem dentro de si uma mulher acorrentada; 2. Todo homossexual é um viciado em sexo, um sexófilo insaciável; 3. Homossexualidade seria sinônimo de cópula anal; 4. Todos os gays são potencialmente perigosos molestadores de crianças e; 5. Os homossexuais são transmissores da peste gay” (MOTT, 2003, p.33).

Os mitos apontados por Mott (2003) reforçam a negatização da identidade dos gays na sociedade, fomentam a prática da homofobia e são inverdades divulgadas com intuito difamatório e acusatório sobre essa parcela da população. Desconstruindo o mito um, afirma-se que quase a totalidade dos homossexuais masculinos não está à procura de se tornarem mulheres, tampouco seriam transformadas em travestis e se sentem bem

5 Expressão popular usada para nomear os gays, pode ser entendida como insulto quando proferida por não gays, mas entre os homoafetivos é forma de tratamento comum entre amigos (MOTT, 2003).

6 Apelido feminino atribuído a João Francisco dos Santos, em 1938, por um escrivão de polícia durante interrogatório que antecedia a mais uma das prisões daquele. O apelido devia-se ao fato de João Francisco ter se fantasiado no Carnaval daquele ano com roupas semelhantes às da atriz que estrelara um filme de mesmo nome à época da prisão (GREEN & POLITO, 2006, p. 147).



em ter um corpo masculinizado. Embora existam aqueles que carregam acentuadamente alguns estereótipos que o identificam como “bicha”, “mona” e até aceitem ser chamados entre eles ou por algum outro amigo heterossexual de “mulher”. Por exemplo, o vocábulo “mona” aparece logo no título do soneto de Mário Faustino “Ego de Mona Kateudo”.

Ressalta-se também que nem todos os sujeitos homoafetivos aceitam ser chamados de “mulher”, “por nome de mulher”, nem de “bicha”, sobretudo, aqueles que reconhecem que a orientação sexual não depende de uma categorização de gênero. Nesse sentido, recupera-se o relato de João Francisco dos Santos que até a prisão de 1938, não usava apelido feminino para se identificar no meio social, em entrevista ao jornalista Sylvan Paezzo. No relato, ele menciona que não desejava ter apelido de bicha, porque essa atitude era uma confissão aberta da sua orientação sexual. Por essa razão, esteve envolvido em diversas confusões e casos de agressão física com quem o chamava de Madame Satã, porém os atos de violência não fizeram com que as pessoas deixassem de apelidá-lo, somente, contribuíram para sua extensa ficha criminal. Assim, acaba por se conformar com a alcunha feminina e, tardiamente, até considerou que essa era mais marcante e bonita que a de outras bichas (GREEN; POLITO, 2006). Por sua vez, em Stella Manhattan, o Eduardo e o Vianna não estranham em se chamarem de bichas quando juntos: “Sei lá, é de salão”. Meio gozada. De bicha para bicha, a gente diz que é bicha mesmo. Ou então fanchona se for o caso.” (SANTIAGO, 1991, p. 52).

Em virtude dos muitos conceitos identificadores dos praticantes da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, há a necessidade de que sejam identificados os mais relevantes para a construção das representações das identidades homoafetivas na sociedade e na literatura. Os termos que designam a orientação homoafetiva sofreram modificações ao longo das transformações das estruturas sociais, sendo que por muito perduraram os de ideologias pejorativas – pederastas, safistas, sodomitas, mordedor de fronha, fanchono, maricas, viado, macho e fêmea, bicha, fresco, gay e *queer*. Embora, o último, na contemporaneidade, sirva para desconstruir os estereótipos criados em outras épocas para qualificar os sujeitos homoafetivos.

Incluindo alguns desses termos e acrescentando outros, atesta-se que: “Em Portugal, existia uma grande diversidade de denominações para



diferentes manifestações homoeróticas, que por sua vez eram bastante ambíguas: sodomita, bugre, amor dos nobres, pecado mau, velhacaria, fanhonice, vício italiano, nefandice, amor grego, vício dos clérigos, marica, puto, amor elegante” (FIGARI, 2007, p.61). Alguns desses vocábulos ainda são muito vistos no cotidiano, dentre esses, sodomita é tido do ponto de vista da moral cristã como pecado e, por isso, na Idade Média e durante a Inquisição, os sujeitos homoafetivos eram julgados e condenados à morte. Sobre o termo sodomita afirma-se:

“Sodomita” ou “somitigo” era a designação interpelante principal. Somitigo significava, além disso, uma pessoa ridícula, mesquinha ou sovina. É possível, dessa forma, perceber associações e deslocamentos semânticos que estabeleciam sinonímia entre significados negativos ou estigmatizados e o homoerotismo. Assim também em alguns países se associava sodomia à heresia ou sodomia à bruxaria (FIGARI, 2007, p.61).

Nesse sentido, ressalta-se que os sinônimos dados a esse termo influenciam não somente na decisão sobre a morte daqueles que se assumiam gays, ato esse que, além de extirpar da vida terrena e da memória coletiva. Essa ação possibilitava o esquecimento da família e da sociedade, pois a família não podia velá-los ou enterrá-los, aos sodomitas era negado um túmulo para repouso do corpo (FIGARI, 2007). O autor ainda acrescenta que: “Na França e em outros países europeus, os autos do processo eram queimados junto com eles(as), perdendo-se inclusive o registro de execução” (FIGARI, 2007, p.61).

Para Mott (1987), conforme pesquisa de documentos que identificavam a presença dos homossexuais na Bahia durante o século XVII, dentre eles o “Santo Ofício”, também eram usados os termos “o pecado de molície”, o qual designava a prática da masturbação e “tribadismo” para se referir ao amor lésbico. O autor ainda mencionou que outros vocábulos como roçadinho, fresco, machona, fanchono, puto, viado e homossexual, somente apareceram no século XIX. Sobre o termo “roçadinho” ele descreve-o como sendo o modo que era nomeado os encontros sexuais entre as mulheres, devido entre elas não haver a penetração, mas apenas o contato através do atrito entre as vaginas (MOTT, 1987).

Já o vocábulo “fresco” foi popularizado através da imprensa brasileira, no século XIX, com o intuito de promoção de satirizar indivíduos do sexo masculino que praticavam o amor com outros do mesmo sexo na



condição de passivos, esse vocábulo associa a homoafetividade à condição amena do clima e à jovialidade (GREEN, 2000). Esse termo aparece no conto “*Píldes e Orestes*”, de Machado de Assis: “A união dos dous era tal que uma senhora chamava-lhes os ‘casadinhos de fresco’” (ASSIS, 2008, p. 230). Nessa perspectiva, o termo “fresco” remete ao estado de alegria existente entre os praticantes do amor entre pessoas do mesmo sexo como sugere a tradução da palavra gay.

Ainda sobre os termos que designam a homoafetividade a partir do século XIX, Green (2000) afirmou que o vocábulo “puto” servia para relacionar a orientação homoafetiva à prostituição, percepção essa que alimentava a disseminação do preconceito durante o Brasil República. Essa relação entre tais termos é desconstruída por Mott (2003), quando esse autor defende que é um mito associar homoafetividade à prostituição. Sobre o vocábulo “veado”, não há uma precisão do período em que ele surgiu, entretanto, é também um modo pejorativo de designação dos sujeitos homoafetivos. Green (2000) menciona um caso que contribuiu para a folclorização desse termo.

[...] um comissário de polícia ordenou a prisão de todos os homens homossexuais que fossem encontrados num certo parque [...] Seu subordinado tentou executar a tarefa, mas voltou ao superior admitindo o fracasso. Explicou que, quando os policiais tentavam prender os jovens, eles corriam como veados. Diz-se que o incidente foi amplamente divulgado pela imprensa e, assim, tornou-se um mito do folclore gay (GREEN, 2000, p.143).

Em conformidade com o excerto, evidencia-se a contribuição das instituições sociais para a disseminação do preconceito contra homossexuais há tempos, uma vez que os termos “veado”, utilizado por policiais e pelos homoafetivos quando numa briga como a ocorrida entre Barberine e Marjorie – “Pega o veado! Pega” (SOARES, 2014, p. 63). “fresco”, pela imprensa, “puto”, nas instituições republicanas, “sodomita” e “pederasta” pela Igreja são carregados de uma ideologia negativa. A ideia de pederastia, por exemplo, aparece implícita nos poemas “*Ode*”, de Augusto Frederico Schmidt; “*Aceitarás o amor como eu o encaro?*”, de Mário de Andrade e; “*Soneto ao anjo*”, de Sosígenes Costa, porque neles o eu lírico é adulto e expressa sua paixão por um adolescente. Neste sentido, a difusão desses termos faz crescer a folclorização e estereotipia que negativam a identidade daqueles que têm orientação sexual homoafetiva. No caso do



vocábulo “puto”, deve-se considerar que ele está associado à prática da prostituição, ou seja, dá ao homoafetivo a condição de infiel, de devasso ou sexófilo.

É como contraponto à tese de que o amor praticado entre pessoas do mesmo sexo era imoral e prática de pessoas sem caráter que o médico Karoly Maria Kertbeny criou, na Alemanha, em 1869, o vocábulo “homossexual”, o qual passa a substituir os termos “pederastas”, que desqualificava os praticantes da sodomia (BARBO, 2013). O autor menciona ainda que o panfleto de Kertbeny incluía também “os termos heterossexual e monossexual (esse último referindo-se ao homem que centrava prazer na masturbação com outro homem)” (BARBO, 2013, p.13).

Mesmo que tivesse a intenção de se contrapor aos termos pejorativos, o termo “homossexual” foi considerado como não pautado em argumentos biológicos, o que permitiu que aqueles que se contrapunham a Kertbeny passassem a usá-lo com o sentido de doença ou anomalia como destacado por Trevisan (2002). Desse modo, os termos que atribuem ao sujeito homoafetivo a qualificação de pecadores, viciados e criminosos, no contexto cientificista da época, é substituída por doentes e, por isso, utilizada, no Brasil, na difusão da teoria médico-higienista.

Em conformidade com o filósofo francês Michel Foucault (2014) a mudança dos vocábulos “sodomia” e “pederasta”, vistos como perversão ou crime, por isso, punidos para “homossexualismo”, o qual foi difundido como doença, representou a alteração contextual – da prática à especificidade do comportamento do indivíduo, uma espécie. Essa percepção do filósofo é vista em: “A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2014, p.48).

Ao reconhecer o homossexual como espécie ou doença o pensador francês parece legitimar que há uma transformação da sociedade, visão essa que é partilhada por Trevisan (2002). Desse modo, pode-se afirmar que a mudança conceitual proposta para o termo tem o objetivo de controlar e/ou normatizar a orientação sexual dos indivíduos que tinham relações amorosas com pessoas do mesmo sexo. Ainda nessa perspectiva, ressalta-se:



Sendo uma patologia, a homossexualidade logicamente podia e devia ser curada mediante tratamentos adequados. Alguns indicam a necessidade de intervenção médico-psiquiátrica, mas sem dar detalhes de quais terapias seriam as aplicáveis nesse campo. Entre as terapêuticas propostas, todos coincidiam na necessidade de uma educação viril e responsável da infância e juventude, mas arriscavam também tratamentos hormonais, especialmente a escola de Ribeiro e Whitaker. Para Ribeiro, que punha ênfase nas alterações das secreções internas para explicar a homossexualidade, o conceito de “psycologia sexual” consagrado por Krafft-Ebing devia ser substituído pelo da “Pathologia sexual” (FIGARI, 2007, p.250).

Por outro lado, ao tratar dos dispositivos da sexualidade Foucault sustenta que há um “discurso de reação” dos sujeitos homoafetivos, no qual eles têm voz: “a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’, e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico” (FOUCAULT, 2014, p.111).

Outro termo que identifica os sujeitos que mantém relações sexuais com pessoas do mesmo sexo é – *gay*, o qual foi difundido de modo mais amplo a partir do Movimento de Stonewall, nos Estados Unidos, em 1968. Entretanto, ainda no século XIX, a palavra *gay* servia para qualificar as mulheres de imagem duvidosa, as quais também foram chamadas de “mulheres alegres” ou de “gente alegre”, notou-se que nessas expressões há um tom de galhofa que deprecia a imagem feminina e a relaciona com o universo da prostituição e à satisfação do desejo erótico.

A partir do Movimento de Stonewall, o vocábulo *gay* tornou-se símbolo dos embates políticos por ter caráter contestador, o qual não foi percebido nos outros termos que nomeiam o indivíduo que deseja ou mantém relação sexual com pessoas do mesmo sexo. Nesse sentido, admite-se como características do Movimento de Stonewall:

Ausência de lideranças fortes e, em contrapartida, farta participação popular, considerando que a revolta contra a polícia foi iniciada espontaneamente pela população homossexual proletária e de classe média baixa que frequentava o local. A partir daí, alastrou-se por todo o país um movimento homossexual nascido das bases: as consciências individuais vinham somar-se dentro do coletivo e não diluir-se em detrimento de um líder ou uma organização. Com isso, a comunicação entre a comunidade e suas eventuais lideranças era muito mais direta (TREVISAN, 2010, p.50).



Em conformidade com o excerto verificou-se que a participação dos gays das classes sem prestígio social, aliada à ausência de líderes fortes contribui para que a voz do Movimento seja ouvida e os gays adquiram um caráter mais libertário e político para as questões reivindicadas. Por isso, ressalta-se que esse termo apresenta maior popularidade pós- anos 1960 com ênfase numa nova proposta de representação da diversidade sexual. No entanto, ressalta-se que esse vocábulo não tem a mesma significação em todos os lugares, uma vez que nos países de língua inglesa, gay incorpora todas as sexualidades vistas como excêntricas, enquanto no Brasil é restrito à identidade do sujeito homoerótico.

Depois da afirmação do Movimento Gay, iniciado nos Estados Unidos, o qual reivindica os direitos desse grupo e da abertura para as discussões acerca da corrente filosófica pós-estruturalista, no ambiente academicista estadunidense, surgiram dois novos vocábulos para identificar os homoafetivos – *queer* e *camp*. Com o surgimento desses termos foi promovida uma ampliação do debate sobre as identidades gays, as quais também foram incorporadas à literatura e nas Ciências Sociais.

Admite-se que o vocábulo “*queer*” tem ganhado notoriedade nos estudos sobre a identidade de gênero e sexualidades, pode ser traduzido, no Brasil, como “estranho”, “excêntrico”, “raro” e “extraordinário” (LOURO, 2013, p.39). Na percepção da autora, esses adjetivos expressam a contrariedade às normas impostas pela sociedade na qual predomina a valorização da heterossexualidade como padrão hegemônico para a identidade sexual. No entanto, nos Estados Unidos, esse termo assume a função de estereotipar, negativamente, os sujeitos homoafetivos por equivaler, na língua portuguesa, a “bicha”, “viado”, “fresco”, “qualhira” e outros termos do mesmo campo semântico.

Na contraposição aos valores dominantes assim como o *queer* surgiu o *camp*, o qual “procurou dar mais visibilidade e mesmo assimilar comportamentos originários de tradições culturais mais diversificadas e ‘menores’ dentro da história ocidental” (LOPES, 2002, p.94). Por ter aspecto mais fechativo associado às minorias, é que esse termo passou a ser utilizado também nos estudos da identidade de gênero, designando assim “alguns modos de performance hiperbólica de gênero” (SPARGO, 2006, p.55). Entende-se “performance hiperbólica” como sendo o comportamento exagerado/afetado de alguns homoafetivos, reforçando a não aceitação



desse no meio social, enquanto para os que partilham da visão do *camp* esse exagero é um reforço positivo. Além dessa característica, o *camp* é entendido como uma reação agressiva do sujeito *queer* à repressão e rejeição da sociedade (LOPES, 2002).

O comportamento agressivo dos homoafetivos, na perspectiva do *camp*, é estratégia para não se sentirem diminuídos diante das interdições ao seu corpo e desejo sexual e, com essa atitude não se deixarem invisibilizar. Sendo assim, o *camp* rompe com as estruturas tradicionais de poder ao sinalizar um novo olhar na ótica da contracultura e desconstruir práticas repressoras na sociedade contemporânea. Nesse intuito, mesmo que esse vocábulo esteja relacionado “a uma sensibilidade gay, não necessariamente a pessoas gays” (LOPES, 2002, p.97), o que possibilita afirmar que outras minorias podem se posicionar contra a cultura dominante através de um comportamento fechativo.

Costa (2002), por sua vez, apresenta o vocábulo “homoerotismo”, que substitui o “homossexualismo”, refutando, então, o conteúdo discriminatório e excludente presente no conceito de Kertbeny, embora o primeiro tenha sido criado também no século XIX por Ferenczi, psicanalista húngaro. O psicanalista brasileiro justifica sua escolha pelos termos “homoerotismo” e “homoerótico” apontando três razões:

Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão à doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a ideia de que existe algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual” (COSTA, 2002, p.21).

As razões apontadas pelo autor para a escolha dos termos substituidores dos do médico vienense refletem uma conceituação mais aprofundada e apropriada para que seja feita uma descrição mais detalhada sobre o universo plural das práticas do desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo. Os argumentos do psicanalista sustentam a contrariedade ao sentido de “homossexual” enquanto sujeito doentio. Nessa perspectiva, o vocábulo retomado por Costa (2002) dilui o sentido negativo atribuído ao amor entre iguais, afastando-o da ideia de patologia, vício, anormalidade ou



perversão existentes nos estudos da Psiquiatria e da Psicologia. No entanto, não se pode afirmar que, somente, a substituição de um vocábulo por outro faça desaparecer a intolerância às relações homoafetivas ou à presença dos homoafetivos, pois no contexto atual ainda são percebidas manifestações da homofobia.

Para Lopes (2002), o termo “homoerotismo” não é tão amplo quanto supõe Costa (2002), por isso, ele defende e nomeia “uma política, uma ética e uma estética da homoafetividade” (LOPES, 2002, p.37), a qual considera mais ampla. Por essa razão, nesse estudo há o foco sobre os estereótipos e identidades homoafetivos na contemporaneidade, primeiro, por ser o vocábulo que melhor identifica a prática afetiva entre pessoas do mesmo sexo, na cena contemporânea; segundo, por considerar que essas relações extrapolam a dimensão do sexo. Na defesa da amplitude do termo homoafetividade, o autor argumenta:

Não pretendo apenas cunhar mais um termo, mas penso que falar em homoafetividade é mais amplo do que falar em homossexualidade ou homoerotismo, vai além do sexo-rei, bem como é um termo mais sensível para apreender as fronteiras frágeis e ambíguas entre a homossexualidade e a heterossexualidade, construídas no século passado, sem também se restringir a uma homossociabilidade homofóbica [...], como em tantos espaços sociais que foram tradicional e exclusivamente masculinos como times de futebol, internatos, quartéis e bares. Uma política da homoafetividade busca alianças para desconstruir espaços de homossociabilidade homofóbicos ou heterofóbicos, ao mesmo tempo em que pensa, num mesmo espaço, as diversas relações entre homens (ou entre mulheres), como entre pai e filho, entre irmãos, entre amigos, entre amantes (LOPES, 2002, p.37).

Conforme o fragmento evidencia-se que o termo homoafetividade envolve concepções que ultrapassam atitudes comportamentais como a identificação do indivíduo com outro do mesmo sexo, um sentimento, desejo dirigido ao outro somente com o intuito da relação sexual. Além disso, compreendeu-se que esse novo termo agrega emoção, sentimento e o companheirismo entre indivíduos do mesmo sexo e não somente a relação sexual mantida entre iguais, o qual Mott (1987) nomeia de homoemocionalismo. Por essa razão, percebeu-se que o termo homoafetividade é mais amplo.

Entendeu-se que os termos “homoafetividade” e “homoafetivo”, categorizados sob o viés morfológico como substantivo e adjetivo,



respectivamente. Embora exista quem diga que o segundo possa ser também usado enquanto substantivo, sobretudo, nas questões jurídicas. Por outro lado, esses termos expressam as manifestações do desejo erótico ou não por/entre indivíduos do mesmo sexo. O vocábulo “homoafetividade” é derivado do termo “afeto”, entretanto, o primeiro é mais restrito por tratar do afeto como premissa do desejo erótico entre iguais. Já a palavra primitiva é mais ampla por poder ser empregada em outras relações afetivas – relação de amor entre mãe e filhos (as), entre dois amigos, entre dois namorados, entre o pai e seus filhos.

Sustenta-se que, o vocábulo “afeto” não serve apenas designar a afeição pelo outro, uma vez que há contextos em que ele sugere a presença do desejo erótico, pois o afeto sentido pode se transformar em desejo, reproduzindo a ideia da existência do sentimento homoafetivo. Entretanto, observa-se que mesmo pensado como amplo, o vocábulo “homoerotismo” é mais específico, uma vez que sugere apenas o desejo erótico-sexual por pessoas do mesmo sexo enquanto “homoafetividade” reúne o afeto, comum às diversas formas de relação e o desejo sexual entre iguais. Se considerada a origem da primeira palavra, ver-se-á que ela retoma o significado da palavra primitiva “eros”, a qual, na mitologia grega, pode ser explicada a partir do deus do amor e do desejo – Eros, que tinha o poder de impulsionar os seres a se unirem pela força do desejo, inclusive o emanado do corpo.

Conclusão

Os conceitos formulados para nomear a identidade daqueles que buscam a satisfação do desejo sexual com parceiros do mesmo sexo, sempre estiveram alicerçadas na realidade social das épocas em que foram criados. As identidades homoafetivas são moventes e estão em constante processo de construção-desconstrução-construção, o que exige da arte a contemplação da realidade social para assim construir a guerra das metáforas tida como fator estético-literário. Assim sendo, fruto do imaginário social e artístico, incluindo a literatura é forjada pela sociedade, pois a abertura para a discussão das identidades de gênero nas obras literárias somente foi possível após a existência de movimentos político-ideológicos, como o movimento feminista e o movimento gay.



As diversas categorias conceituais usadas para identificar os sujeitos homoafetivos estão condicionadas à história cultural, por isso, construída ao longo do tempo, uma vez que não há nenhuma teoria científica que determine de fato a origem do desejo homoafetivo. Portanto, pederasta, sodomita, homossexual, fresco, fanchono, entendido, invertido, puto, fresco, viado, gay, homoerótico, bicha, *queer* e *camp* e homoafetivo, apesar de distintos, nomeiam o praticante da relação afetiva e/ou sexual mantida entre iguais durante o curso da história das sociedades. Por essas categorias estarem associadas ao tempo é que foi escolhida a categoria homoafetividade para respaldar a análise da produção literária contemporânea.

Compreende-se que há uma diferença entre as noções de identidade na atualidade e de estereótipos, pois aquela segue uma condição de movência, instável e flexível enquanto esta é durável, fixa. Desse modo, admite-se que tanto uma quanto a outra são produtos ideológicos e marcados pela ação temporal e subjetiva, entretanto, os estereótipos têm a dimensão negativa, preconceituosa, uma visão mecânica, reducionista e superficial do outro e quando usados provocam o constrangimento. Portanto, os estereótipos atribuídos aos gays são atitudes negativas, pois representam uma criação dos heterossexuais para julgar e condenar o amor entre pessoas do mesmo gênero.

Referências

BARBO, D. A emergência da homossexualidade: cultura grega, cientificismo e engajamento. In. COSTA, A. V.; BARBO, D. (orgs.). **História, literatura e homossexualidade**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

FIGARI, C. **@s “outr@s” cariocas**: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.



FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRY, P; MACRAE, E. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

GREEN, J. N. **Além do carnaval – homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

GREEN, J. N; POLITO, R. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 – 1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Coleção Baú de Histórias).

GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. Disponível em: <http://joomla.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20/modulo_2/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MISKOLCI, R. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. (Série Cadernos da Diversidade: 6).

MOTT, L. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MOTT, L.; ASSUNÇÃO, A. Gilete na carne: Etnografia das automutilações dos travestis da Bahia. In.: **Temas IMESC (Instituto de Medicina Social e de Criminologia) – Sociedade, direito e saúde**. São Paulo: 1987, p. 41-56.



SPARGO, T. **Foucault e a Teoria Queer**. Trad. Vladimir Freire. Juiz de Fora: UFJF, 2006. (Encontros pós-modernos).

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TREVISAN, J. S. Homocultura e política homossexual no Brasil. In.: COSTA, H. *et al.* (org.). **Retratos do Brasil homossexual**: fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Unesp, 2010.

Recebido: 12/05/2018

Aceito: 20/07/2018

